

Tipos e géneros de textos: (re) lendo os manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes

Martins Nvuenda Baveca *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

Amado Martínez Morgado **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7235-2000>

RESUMO (Português)

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre os tipos e géneros de textos baseada em diversos autores que permitiu a análise do contexto atual das sociedades e suas culturas, que influenciam as formas de comunicação que engendram a variação de textos em uso. Tem-se como propósito de estudo caracterizar os tipos e géneros de textos apresentados nos manuais de língua portuguesa da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes em comparação com as tendências linguísticas atuais. A classificação de tipos e géneros de textos está ancorada na Linguística Textual de Adam (2008) e em diversos autores como Costa (2010), Coutinho e Jorge (2019), Ducrot e Todorov (2007), entre outros. O trabalho segue o paradigma construtivista (qualitativo) e para o alcance do objetivo ora proposto foi preciso utilizar como técnicas a observação, descrição e comparação. Os principais resultados espelham que, para além da integração do romance como um tipo de texto narrativo e não como género, observa-se também que o uso da expressão *tipologias textuais* não apresenta a semântica que caracterizasse os *tipos de textos* tal como refere a literatura consultada, mas sim remete à visão de subcategorias do texto narrativo. Os géneros de textos, às vezes, são utilizados no lugar de tipos e, às vezes, os tipos no lugar de géneros, o que remete à necessidade de atualização de conteúdos de modos a que venham a se adequar às novas tendências linguísticas de classificação.

PALAVRAS-CHAVE

LT; Texto; Tipos de textos; Géneros de textos.

Types and genres of texts: (re)reading the 7th, 8th and 9th class lp manuals

ABSTRACT (English):

The present work presents a reflection on the types and genres of texts based on several authors that allowed the analysis of the current context of societies and their cultures that influence the forms of communication that engender the variation of texts in use. The purpose of this study is to characterize the types and genres of texts presented in 7th, 8th

* Professor do I Ciclo do Ensino Secundário. Licenciado em Ciências da Educação, na especialidade do Ensino do Português pela Universidade Lueji A'Nkonde. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lueji A'Nkonde, com a linha de pesquisa "Linguagem e Educação". Atualmente é doutorando em Ciências da Educação, na especialidade de Literacias e Ensino do Português pela Universidade do Minho/Portugal. E-mail: martinsbaveca@gmail.com.

** Licenciado na especialidade de Educação primária (1999) pela Universidade do Guantánamo. Mestre em Educação (2002) pela Universidade Enrique José Varona; Doutor em Ciências Pedagógicas (2014) pela Universidade de Ciências Pedagógica Frank País García e Professor Titular. É orientador de estudantes de doutoramento cubanos e consultante de estudantes angolanos, ademais de oponente de defesa de tese de doutoramento. Foi colaborador na Universidade Lueji A'Nkonde na República de Angola de 2014 até 2018. Participa na elaboração de texto dirigido à formação de docentes na República de Cuba. Tem artigos publicados em revistas indexadas.

and 9th grade portuguese language manuals in comparison with current linguistic trends. The classification of types and genres of texts is anchored in the Textual Linguistics of Adam (2008) and in several authors such as Costa (2010), Coutinho and Jorge (2019), Ducrot and Todorov (2007), among others. The work follows the constructivist paradigm (qualitative) and in order to reach the proposed objective it was necessary to use observation, description and comparison techniques. The main results reflect that, in addition to the integration of the novel as a type of narrative text and not as a genre, it is also observed that the use of the expression textual typologies does not have a semantic that characterizes the types of texts as referred to in literature consulted, but rather refers to the view of sub-categories of the narrative text. Text genres are sometimes used instead of types and sometimes types are used instead of genres, which leads to the need to update contents in ways that may adapt to new linguistic classification trends.

KEYWORDS

LT; Text; Types of texts; Text genres.

Mitindo mpe ba genres ya ba textes: (re)ko tanga ba manuel ya lp ya 7e, 8e mpe 9e KLASI

NA MOKUSE (Lingala)

Mosala ya lelo ezali kolakisa botalisi na ntina ya mitindo mpe ba genres ya makomi oyo esalemi na bakomi mingi oyo epesaki nzela na botalisi ya contexte actuel ya ba sociétés mpe mimeseno na bango oyo ezali na bopusi na lolenge ya bopanzi sango oyo ezali kobimisa bokeseni ya makomi oyo ezali kosalelama. Ntina ya boyekoli oyo ezali ya kolakisa mitindo pe ba genres ya makomi oyo elakisami na ba manuels ya língua portuguesa ya 7e, 8e pe 9ème classe na bokokanisi na ba tendances linguistiques ya lelo. Botangi ya mitindo pe ba genres ya makomi ekangami na Linguística Textual ya Adam (2008) pe na bakomi ebele lokola Costa (2010), Coutinho pe Jorge (2019), Ducrot pe Todorov (2007), kati na basusu. Mosala elandi paradigme constructiviste (qualitative) pe pona kozua objectif oyo esengami esengelaki kosalela ba techniques ya observation, description pe comparaison. Ba résultats principaux ezo lakisa que, en plus ya intégration ya roman lokola type ya texte narratif et non en tant que genre, emonanaka pe que usage ya expression typologies textuelles ezali na signification sémantique te oyo ezali ko caractériser ba types ya ba textes ndenge balobeli yango na mikanda consulté, kasi ezali nde kolobela makanisi ya ba sous-catégories ya texte narratif. Ba genres ya texte esalelamaka tango mosusu na esika ya ba types mpe tango mosusu ba types esalelamaka na esika ya ba genres, oyo ememaka na besoin ya ko mettre à jour ba contenus na ndenge oyo ekoki ko s'adapter na ba tendances ya sika ya classification linguistique.

MALOBABA YA NTINA

LT; Nkoma; Mitindo ya makomi; Ba genres ya texte.

1. Introdução

A abordagem sobre os tipos e géneros de textos tem sido objeto de reflexão no seio de académicos interessados em estudar quer o sentido *latu* da comunicação verbal (oral e escrita) e não-verbal (ícones, símbolos, sons), quer no sentido específico em que

se centra o nosso estudo – tipos e géneros de textos (recuperando o processo de segmentação textual, o contexto sociolinguístico do autor e até ao estabelecimento do texto) como momentos dialógicos e em comparação com a literatura utilizada nos manuais de língua portuguesa (LP) do I Ciclo do Ensino Secundário.

Costa (2010) esclarece que pela diversidade de formas de comunicação a tarefa dos linguistas em estabelecer uma taxonomia de tipos e géneros de textos torna-se, cada vez mais, uma missão difícil de se concretizar e nem sempre há consenso a respeito do assunto. Mas os renomados autores Bakhtine e Jean-Michel Adam são defensores da necessidade de instituir uma classificação.

Esta dimensão da complexidade, no contexto atual, resulta da dinâmica dos falantes que se cruzam pelos diversos meios utilizados para a comunicação, entre eles, chamadas telefónicas, mensagens de texto no *e-mail*, no *WhatsApp*, no *Facebook*, cartas etc. Todos eles ora mesclam, por exemplo, para narrativas, ora para descritivas ou explicativas, mas sem, no entanto, haver estruturas rígidas. Portanto, às vezes, constata-se marcas da oralidade nos enunciados. Diferente dos textos literários que observam escrupulosamente as regras da escrita e partem de uma situação real ou não e evoluem utilizando a imaginação. Mas para todos estes casos estamos perante a um texto.

Nesta perspectiva, a referida flexão e variação de elementos num mesmo enunciado depende da força do plano de texto e a composição que desempenham um papel fundamental no estabelecimento da unidade textual como macroestrutura e do seu sentido porque são responsáveis na criação da disposição, partindo da arte de escrever que vai permitir a ordenação dos argumentos da invenção, isto é, ter uma ideia que funciona como base e depois ampliá-la por meio da ficção. E durante o desenvolvimento do texto pode recorrer-se à narração, à descrição ou a explicação, por exemplo. (Adam, 2008)

O autor destaca a existência de dois tipos de planos de textos: convencional e ocasional. No primeiro plano, a sua estrutura é fixada pelo estado histórico de um género ou subgénero de discurso, por exemplo, uma carta, um requerimento ou textos científicos. Estes exigem o cumprimento de regras fixas pela sociedade. Já no segundo caso, pode ocorrer rompimento de regras e variação de género durante a escrita, à guisa de exemplo, um editorial, uma canção, um texto publicitário ou um discurso político. Moldam-se em função do contexto situacional. (Adam, 2008).

O conjunto destes elementos nos levam a fazer um estudo para perceber se os conteúdos dos manuais de LP no I Ciclo seguem a referida dinâmica à luz das atuais

tendências dos linguistas sobre a classificação dos tipos e géneros de textos. A investigação centra-se nos seguintes elementos: a) Texto; b) Tipos de textos; c) Géneros de textos; e d) Tipos de sequências textuais. Tendo como objetivo caracterizar os tipos e géneros de textos apresentados nos manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes em comparação com as tendências linguísticas atuais.

2. Teoria do texto

Inicialmente os estudos linguísticos limitavam-se na frase o que criava dificuldades de análise dos demais elementos que condicionam a sua produção, uma linha de investigação verificada quer na escola formalista russa, quer no movimento *New Criticism*, com origem nos Estados Unidos. (CAMPS, 2005).

Na mesma perspectiva, Ducrot e Todorov (2007) descrevem a tal realidade ao considerarem que os trabalhos dos linguistas limitavam o objeto de investigação à frase, por exemplo, um caso extremo, destaca-se o estruturalismo de Saussure, onde o cognoscível linguístico ficava na palavra ou no sintagma. Mais tarde, a retórica clássica quis categorizar as regras de construção de um discurso, mas tanto a sua intenção normativa como a sua negligência pelas formas verbais concretas faz com que a sua herança contenha poucos ensinamentos utilizáveis. Com efeito, seguindo o mesmo panorama, a estilística, dentro de tradição de Bally, o seu estudo centrava-se mais pela interpenetração do enunciado e da enunciação do que pela organização e pelo processo de segmentação de textos. Os autores referem que estas duas linhas teóricas resultaram num vazio da *teoria do texto*.

Foi no início do século XIX que começaram a surgir novas tendências de ultrapassar a visão exclusivamente histórico-filosófica da literatura que estudava o texto em si (Camps, 2005). Os linguistas que visaram o estudo mais alargado apresentando um rompimento dos limites da frase destacam-se Bakhtine e Jean-Michel Adam, entre outros. Dizer que a abordagem do presente trabalho está mais voltada à LT com apoio em Adam.

Adam (2008), quando fala da fronteira da frase e do texto considera que, o primeiro, apesar de reunir elementos sintáticos, condiciona, narrativamente, a leitura e compreensão do enunciado, por causa da sua natureza curta. O autor dá como exemplo as seguintes frases: “*Os prisioneiros se muniram de revólveres (P2). Uma bala atingiu de morte o cavalo que, aliás, puxava a carruagem (P8)*”. (p. 79)

Para o autor, um leitor desprovido de contexto, lugar e nem da motivação da ação não consegue construir significado das duas frases, pese embora elas reunirem os

recursos sintáticos (iniciais maiúsculas, pontuação, concordância, regência etc.) e até elementos semânticos (sentido). Precisa-se de alguém que tenha lido o jornal completo e que reescreva a situação para que o leitor entenda. Desse modo, carecia de um estudo linguístico que se preocupasse da produção-escritura e da leitura-interpretativa dos factos de textualidade – a LT. Para Ducrot e Todorov (2007) “a noção de texto não se situa no mesmo plano que a frase (ou de proposição, sintagma etc.); pois o texto deve ser distinguido do parágrafo, unidade tipográfica de várias frases”. (p. 305)

O texto é uma unidade supra-frásica. Somente na última década do século XX é que o texto – falado e escrito – começou a ser considerado uma unidade fundamental da análise linguística. Outrora, a frase era tida como unidade máxima. Contudo, há fenómenos linguísticos insusceptíveis de serem analisados e explicados no âmbito da frase. A teoria do texto foi ganhando seguidores à medida que se foi tornando evidente que a dimensão linguística é apenas uma das dimensões do texto e que há fenómenos, como a coerência textual e a interpretação textual que dependem também de factores extralinguísticos. (COSTA, 2010, p. 295)

Nesta perspectiva, a LT de Adam tem como objeto de estudo o texto quer escrito quer oral, por incorporar os fatores de produção e de interpretação. A sua leitura e análise devem ser extensivas, no sentido de compreender os elementos extralinguísticos (o contexto situacional da pessoa que escreve e a sua cultura). “A tarefa da LT é definir as grandes categorias de marcas que permitem estabelecer as conexões que abrem ou fecham segmentos textuais mais ou menos longos” (ADAM, 2008, p. 75).

Para tal, é necessário distinguir-se as conjunções coordenativas (mas, ou, e, entretanto, nem, porque) das classes textuais dos conectores, por exemplo, depois, ele. O segundo grupo de marcas é provido de referenciação no texto. Por isso é que o investigador da língua não deve limitar-se ao estudo de uma parte do texto, como por exemplo, categorias morfossintáticas sem, no entanto, compreender os fenómenos socioculturais que podem interferir na produção de textos tanto orais como escritos. Por sua vez, Costa (2010) define o texto como sendo “uma ocorrência linguística, escrita ou falada de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Constitui uma unidade de linguagem em uso, composta por uma sequência autónoma de enunciados orais ou escritos de extensão variável”. (p. 295)

3. Tipos de textos

Pese embora o debate em torno dos tipos de textos ser complexo, mas é importante que um falante de língua seja capaz de distinguir um tipo do outro o que lhe

torna competente, pois quem analisa uma narrativa, por exemplo, segue um plano de leitura diferente em comparação com o da descrição.

Para Costa (2010), a competência textual e comunicativa de um falante inclui processos de uso, análise, agrupar e classificar os textos em contextos dialógicos por critérios tipológicos. O autor refere ainda que, tal como em qualquer tipo de classificação, a categorização de textos faz-se segundo critérios de aproximação de elementos de segmentação e os produtos linguísticos, isto é, as sequências, a fim de apurar feixes de características comuns, entre as quais, as fulcrais e as periféricas. Os textos são unidades diversas e difíceis de se determinar na totalidade se pertencem a um único tipo ou não.

Os tipos correspondem a estruturas textuais fixas porque, mesmo com o passar de tempo, eles permanecem. Pode verificar-se, de forma rara, algumas transgressões nos tipos, pois os modelos literários ou não literários não são permanentes, mas isto não abala a sua estrutura ou sistema no todo, por isso é que se diz que continuam fixos. (DUCROT & TODOROV, 2007; COUTINHO & JORGE, 2019).

Entretanto, “baseado na crença que a análise tipológica se devia processar a um nível menos elevado, ou seja, através da identificação, delimitação e caracterização das sequências textuais prototipicamente, narrativas, descritivas, explicativas etc., seria possível classificar o protótipo textual” (COSTA, 2010, p. 307). Na mesma perspectiva, Coutinho e Jorge (2019) caracterizam os seguintes tipos de textos: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal.

A diferença que importa assinalar é esta: quando se fala num texto de tipo narrativo ou argumentativo, por exemplo, assume-se que se fala de um texto em que predominam sequências do tipo referido. Mas dizer que um romance é um texto de tipo narrativo apagará com certeza elementos significativos na composição interna deste ou daquele romance concreto. (COUTINHO & JORGE, 2019, p. 9)

As autoras fazem essa diferenciação para dizer que quando as pessoas escrevem não permanecem estáticas no mesmo tipo, podendo recorrer às formas variada e moderada, aos outros tipos ou sequências. E dizer que um romance não deve ser confundido como tipo, pois, ele pertence a categoria de género.

Portanto, um texto é uma unidade de significação que pode ser escrito ou oral repleto de mensagem que é dirigida ao leitor. Para que seja legível deve estar revestido de sequências que dão conta de uma situação. Para Ducrot e Todorov (2007), uma

“sequência é uma unidade superior que encontramos nas narrativas constituídas por um grupo de pelo menos três preposições”. Para os autores, as três preposições são, por exemplo, nos contos populares *dois atributos* de pelo menos um agente aparentado, mas diferentes; e um *processo de transformação ou de mediação* que permite a passagem de um ao outro. (p. 307)

A combinação de várias sequências presta-se facilmente a uma tipologia formal. São possíveis os segmentos casos: **encadeamento**, quando as sequências estão dispostas na ordem 1-2; **encaixe**: ordem: 1-2-1; **entrelaçamento** (ou alternância): ordem 1-2-1-2. Estes três tipos fundamentais podem ainda combinar-se entre si ou com outras instâncias do mesmo tipo. O encadeamento global das sequências no interior de um texto produz a **intriga**; esta noção é frequentemente aplicada exclusivamente aos textos dominados **pela ordem causal**. (ibid., p. 308)

Por isso é que para o estudo do texto é preciso distinguir-se dois elementos internos: o **período** e a **sequência**. O primeiro elemento representa a parte com amplitude potencialmente menor que as sequências, isto é, são unidades que entram diretamente na composição de partes do texto. Ao passo que as sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número reduzido de conjuntos de preposições-enunciados: as macroproposições. Por sua vez, macroproposições são conjuntos de períodos que servem para ligar uma unidade da outra dentro do texto. Cada macroproposição adquire seu sentido em relação às outras, na unidade hierárquica complexa da sequência. (Adam, 2008)

Para o autor, um período coincide com uma parte curta do processo de segmentação textual e a maior é chamada de sequência. O texto como macroestrutura deve ser visto como um sistema linguístico que o seu sentido é entendido analisando todo ele. É como numa novela ou num romance, onde a compreensão de um episódio depende do outro, isto é, precisa-se assistir ou ler todo conjunto. Portanto, uma sequência é **uma estrutura**, isto é:

- Uma **rede relacional hierárquica**: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- Uma **entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna** que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (Adam, 2008, p. 204)

Dentro de qualquer tipo de texto, o autor pode utilizar, de forma variável, muitos tipos de sequências como elementos de textualização tais como: sequências narrativa, descritiva, argumentativa, instrucional e dialogal. (Adam, 2008; Costa, 2010). Em termos de distinção entre as sequências, recorre-se em Costa (2010):

Sequência narrativa é caracterizada por representar eventos, temporalmente correlacionados, às vezes, determina o espaço e personagens que configuram o desenvolvimento de uma ação global. Os eventos representados encadeiam-se de forma lógica e orientam-se para um desenlace. As sequências textuais narrativas podem configurar-se em contos, fábulas, histórias, parábolas, lendas, reportagens, notícias e relatos de experiências pessoais.

Sequência descritiva constrói-se tendo como base um objeto ou uma situação imaginária acerca da qual se predicam diversos atributos. Podem ser alvos de descrição pessoas e personagens para se dizer sobre os seus traços físicos e psicológicos; espaços (físicos, psicológicos ou sociais); fenómenos; atmosféricos e qualquer outro objeto.

Sequência argumentativa centra-se na justificação ou refutação de uma proposição, para convencer os seus interlocutores, para obter a sua aprovação relativamente a uma tese, ou refutar uma opinião alheia. Destacam-se como tipos de textos desta natureza: propaganda política, publicidade, debates televisivos e até em situações informais de interação sobre aspetos práticos (situações académicas).

Sequência instrucional caracteriza-se pela orientação de ações futuras, isto é, são textos que incitam uma realidade, impõem regras comportamentais, prevendo etapas e procedimentos de uso. São textos desta natureza as receitas médicas ou culinárias, regras de trânsito (por exemplo, sentido proibido, paragem autorizada etc.), regras de utilização de um programa informático.

Sequência dialogal são aquelas construídas por um número variável de trocas verbais. Comportam textos organizados por, pelo menos, dois interlocutores que tomam a palavra à vez. São exemplos de textos desta linha as conversas telefónicas, as instruções quotidianas orais, debates, entrevistas etc.

Diante do acima apresentado, percebe-se que as sequências não devem definir o género de texto, pois, tal como se viu, elas são elementos de textualização. Numa carta e num romance, por exemplo, a pessoa que a redige ou o autor pode introduzir sequências explicativa, descritiva e predominantemente narrativa. Vejamos, por exemplo, a obra *LUEJI - O nascimento de um império*, de Pepetela (1989) e no excerto com o título *Lueji*,

de Castro Soromenho, in *Nhári* (fragmento) tirado no Manual de Língua Portuguesa da 7.^a classe de Mesquita e Pedro (2014):

Na tacula sangrenta do seu tálamo real, leito que deu agasalho a muitos amores vadios, **Lueje, rainha lunda**, abraçou formoso caçador quioco que se perdera, como por encanto, em longas matas selváticas, junto da embala de Capanga, onde esta **negra de valia** tinha arreigado seu mando. Lueje, filha e neta de reis, era imensamente **orgulhosa**, mas do seu orgulho fez oferenda àquele homem passageiro, um estranho que trazia na alma um grande sonho de amor e nos desejos enorme **ambição, que, de amores, a endoidara**.

– Sim; este caçador era um **escravo**, uma alma perdida no turbilhão da desgraça. Era um **desconhecido, um inimigo. Era o usurpador** [...] (p. 18)

Com as palavras sublinhadas do Romance, predominantemente com sequências narrativas, pode extrair-se nelas algumas marcas de descrição: *Lueje, rainha lunda, negra de valia, imensamente orgulhosa*. Com estes casos, por exemplo, o autor do texto faz uma descrição da personagem de Lueje. E ainda no mesmo trecho, o autor do texto recorre também à descrição da segunda personagem principal, Ilunga, que mais tarde se tornara esposo da Lueje. O Ilunga, um caçador de tribo luba, é descrito como *escravo, desconhecido, um inimigo e um usurpador*.

É por causa desta complexidade de análise de textos e de categorização (género e tipo) que o assunto é visto por muitos autores como demasiado difícil, o que gera confusão em termos terminológicos, isto é, às vezes o nome género é empregue no lugar de tipo, e, assim, vice-versa.

4. Géneros de textos

Os géneros de textos são dependentes da atividade social e da época que se configuram e com o passar de tempo podem se modificar sem, no entanto, perder a sua estrutura interna. Podemos então dizer que eles se formam, estabelecem, transformam-se e ainda desaparecem em função da necessidade social de seus usuários, dando lugar a outros novos.

Por exemplo, nesse sentido, menciona-se uma longa lista de atividades sociais que podem influenciar os géneros: familiar, quotidiana, religiosa, política, partidária, comercial, jornalística, empresarial, publicitária, escolar, académica, científica, literária, jurídica etc. Em cada época, dependentemente de fatores estruturais, as mensagens de cada situação acima elencada podem variar por influência das regras literárias ou da instituição. (COUTINHO & JORGE, 2019)

Os problemas de estudos de géneros são antigos, desde a poética que os linguistas se têm preocupado em tentar definir uma taxonomia: género, número e as suas relações mútuas (DUCROT & TODOROV, 2007; COSTA, 2010). Desse modo, “o estudo dos géneros deve fazer-se a partir das características estruturais, e não a partir dos nomes”. (DUCROT & TODOROV, 2007, p. 161). Os géneros de textos são conceituados como sendo “textos orais ou escritos do quotidiano que apresentam características sociocomunicativas definidas pela sua funcionalidade”. (COSTA, 2010, p. 325)

Para Coutinho e Jorge (2019), os géneros são instrumentos psíquicos revestidos de linguagem que podem servir para o estudo de textos. Com este conceito destaca-se que os géneros de textos se estabilizam, modificam-se, transformam-se e se reinventam no âmbito das diferentes atividades sociais. Para as autoras, de uma forma geral, os géneros de textos não têm uma estabilidade rígida – dependendo, no interior de cada atividade, de fatores de época e de cultura.

Há uma forte dependência do género com o interior de cada período, por exemplo, o romance policial, não procura ser original (se assim fosse não mereceria este nome). Este não obedece obrigatoriamente às regras de géneros literários. Por outro lado, uma crónica comporta elementos de textos informativos e literários, frequentemente, alterna as sequências. Ou ainda, um outro exemplo, a tragédia implica que o herói morra no fim, em determinado caso comporta um desenlace feliz, trata-se de uma transgressão de género o que pode provocar mudanças (DUCROT & TODOROV, 2007)

Depois desta compreensão, podem então ser mencionados alguns géneros de textos. Para Coutinho e Jorge (2019) os principais géneros de textos podem ser: géneros jornalísticos, publicitários, entrevista, romance e crónica. Na classificação de Adam (2008), tal como referido acima, podem ser convencionais aqueles que tentam manter a sua estrutura (carta, um requerimento, dissertações etc.). E de natureza ocasional aqueles que rompem com as regras (uma canção, um discurso político).

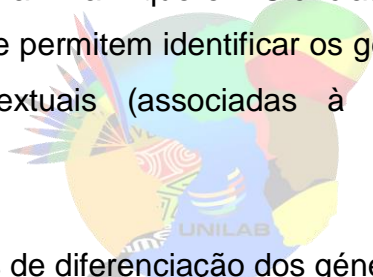
Por sua vez, Costa (2010) apresenta uma taxonomia mais abrangente ao destacar os seguintes géneros de textos: “resumo, sumário, síntese, recensão, dissertação, bibliografia, *curriculum vitae*, carta formal, contrato, declaração, regulamento, requerimento, relatório e ata”. (p. 325). Para todos os casos verifica-se que existem formas e estruturas gramaticais pré-definidas e que, com o passar de tempo, o seu conteúdo pode transformar-se ou desaparecer o que implica mudança de géneros de textos. Por exemplo, a expressão *mui* (do latim) tem sido substituída pela palavra equivalente *muito*, isto é, nas cartas formais. Outro fenómeno que mudou é ausência de

post scriptum (PS) do latim (em português pós-escrito/a), isto é, atualmente, em muitas cartas os remetentes já não o utilizam.

E pode acrescentar-se que, em termos tecnológicos, com o passar de tempo surgem novos géneros como: mensagem no *e-mail*, no *whatsApp*, no *facebook*, por exemplo. Para uma pessoa menos informada ao escrever um texto no *e-mail* pode querer pôr o nome no fim, algo desnecessário, pois, o próprio correio electrónico já vem identificado. O mesmo acontece com o volume de conteúdo, pois, estes géneros de textos são de carácter mediático. Para o efeito, recomenda-se que o autor do texto seja curto e objetivo.

Aborda-se aqui a forma (estrutura externa do texto) e não do conteúdo (estrutura interna do texto). São duas coisas distintas. No caso da forma, a sua situação é socialmente ou institucionalmente definida. No outro caso, o seu conteúdo depende da pessoa que redige, pode ocorrer, frequentemente, misturas de sequências influenciadas pelo sistema de segmentação textual: ora narra, ora descreve e ainda pode explicar.

Coutinho e Jorge (2019) afirmam que em Ciências da Linguagem e em Teoria da Literatura as características que permitem identificar os géneros de textos e diferenciá-los são de duas ordens: contextuais (associadas à situação de comunicação) e organizacionais.



Quadro n.º 01 - Características de diferenciação dos géneros.

Características contextuais	Características organizacionais
<ul style="list-style-type: none">• Quem fala ou escreve? E para quem?• Que papel social desempenha quem fala / escreve? <p>Ex.: Fala como amigo(a)? Como professor(a)? Como estudante? Como pai ou mãe? Como representante da junta de freguesia?</p> <ul style="list-style-type: none">• Que papel social atribui quem fala / escreve às pessoas a quem se dirige?• Em que circunstâncias (de lugar e de tempo) se desenrola a comunicação?• Que finalidades ou intenções tem quem fala / escreve?	<ul style="list-style-type: none">• Qual é a estrutura do texto? (Textos de diferentes géneros – como uma entrevista, um anúncio publicitário ou um relato de viagem, por exemplo – serão estruturados de forma diferente).• Que recursos gramaticais são utilizados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <p>Ex.: Conectores, tempos verbais, pontuação.</p> <ul style="list-style-type: none">• No caso dos textos orais, que recursos não-verbais são usados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <p>Ex.: entoação, ritmo, expressividade.</p>

Fonte: Coutinho e Jorge (2019, p. 7).

Utilizando a descrição apresentada na tabela n.º 01 destaca-se que, por exemplo, uma carta formal distingue-se da informal, pois recorrem-se às estruturas de segmentação textuais diferentes. No primeiro caso, apresenta como elementos: remetente, destinatário, data, assunto, corpo da carta e assinatura. Já no segundo caso, carta informal, segue a seguinte estrutura: local e data, vocativo, corpo da carta e assinatura do remetente. Quanto à forma, a primeira é mais curta e objetiva, ao passo que a segunda é extensa. Na carta formal usa-se modalidades de tratamento da terceira pessoa, por exemplo, você(s) e verbos também da terceira pessoa de tratamento (pronomes da terceira, por exemplo, seu, sua, si), linguagem técnica e nível de língua culto. Na carta informal predomina a segunda pessoa (tu), (pronomes da segunda, por exemplo, teu, tua, ti), linguagem informal e nível de língua coloquial). (MIGUEL & ALVES, 2011). A seguir apresenta-se um exemplo de um trecho de carta informal de Miguel e Alves (2011, p. 32):

Minha querida Jani

Acabo de saber que **estás** no Lubango. O que perguntei para saber de **ti**! Finalmente, quando já me desiludira em descobrir-**te**, eis que surge alguém que me traz notícias. Mas, mesmo assim, não quero entrar em euforias. **Sobretudo porque** a pessoa que me falou de **ti** – o Alberto – (nós chamávamos-lhe o “Alado”, **lembras-te?**), apesar de já ser **casado, ainda parece andar nas nuvens, e não convence as pessoas sobre a seriedade das afirmações que faz**. Mas prometeu-me que **te** entregaria esta carta e, por isso, aqui me **tens** a escrever-**te** [...]

Percebe-se que neste excerto da carta o remetente trata o seu destinatário por *tu* a partir das formas verbais *estás*, *lembras*, *tens* e dos pronomes de tratamento informal *te* e *ti*. Destaca-se também que há uma tendência dos falantes em produzirem frases com sujeito pronominal nulo (Ø), isto é, a identificação deste elemento vai depender da forma verbal introduzida pelo falante, como por exemplo, refere-se a frase extraída do excerto acima:

Ø *Acabo de saber que* Ø **estás** no Lubango.

Miguel e Alves (2011, p. 32)

A forma verbal *estás* não vem acompanhada do pronome tu, tal como acontece na norma culta:

[Eu] *acabo de saber que* [tu] **estás** no Lubango.

Miguel e Alves (2011, adaptada)

Vê-se também que o remetente utilizou com mais frequência as sequências narrativas e descritivas (destacando as características do Alberto: uma pessoa casada, mas sem seriedade) e, de igual modo, usou as explicativas com a introdução da partícula *porque* (para esclarecer as motivações que lhe deram esperanças para escrever).

5. Metodologia

O presente trabalho segue uma metodologia de paradigma qualitativo e para o seu desenvolvimento utilizou-se as técnicas de observação, descrição e a comparação. E como teoria científica de apoio recorre-se à LT de Adam (2008) como corrente linguística para a fundamentação. A investigação qualitativa consiste em explorar e analisar as estruturas de um determinado fenómeno com a finalidade de se fazer inferência. Os trabalhos desta natureza visam criar uma compreensão dos dados à medida que se avança na análise. (S. GONÇALVES, J. GONÇALVES & MARQUES, 2021)

Portanto, foram analisados os conteúdos dos manuais de LP do I Ciclo para perceber se seguem a dinâmica à luz das atuais tendências dos linguistas sobre a classificação dos tipos e gêneros de textos ou se continuam na taxonomia tradicional. Destaca-se que a análise teve incidência na parte de textos e não no bloco gramatical como estão divididos os conteúdos dos livros.

Para Celvo, Bervian e Silva (2007), a técnica de observação visa contemplar um objeto físico para se extrair as suas características com a finalidade de obter um conhecimento claro e preciso. Ela é de vital importância nas ciências sociais porque coloca o investigador qualitativo em contato com o fenómeno ou objeto em estudo. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Os autores salientam que, sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples conjectura e adivinhação.

Realizou-se uma observação individual nos conteúdos da parte literária dos manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes em comparação com as tendências linguísticas atuais sobre a classificação dos tipos e gêneros de textos. Para complementar esta técnica, utilizou-se a descrição e posterior comparação.

A comparação é a técnica científica aplicável sempre que houver dois ou mais termos com as mesmas propriedades gerais ou características particulares. Da comparação, importa abstrair as semelhanças e destacar as diferenças. Homem e mulher, por exemplo, são comparáveis na maioria de suas propriedades gerais, mas não em suas características específicas. Duas pessoas, quaisquer que sejam, são comparáveis em suas propriedades gerais no que se refere a espécie, raça, constituição

biológica, constituição físico-química, estrutura, organização e funcionamento... (CELVO, BERVIAN e SILVA, 2014, p. 32).

Foram comparados os tipos e gêneros de textos propostos pelos linguistas por força da atual tendência de comunicação influenciada pelas novas tecnologias, por um lado, e, por outro, a classificação que os manuais de LP do I Ciclo apresentam. As principais categorias de análise foram os tipos e gêneros de textos da atual literatura e a nomenclatura dos manuais de LP do I Ciclo. O corpus é composto por três livros: manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes.

6. Análise de dados

O processo de ensino-aprendizagem da LP no I Ciclo é realizado, frequentemente, com recurso aos textos. Lendo atentamente os três livros estabelece-se a seguinte divisão dos seus conteúdos: uma parte inicial e mais extensa de textos variados (com 149 páginas na 7.^a classe, 184 páginas na 8.^a classe e 180 páginas na 9.^a classe) e ao passo que a segunda parte – bloco gramatical – com 31 páginas na primeira classe, 34 páginas na segunda classe e 35 páginas na terceira classe, respectivamente, portanto, uma parte residual. É compreensível porque o ensino da parte gramatical aparece em todos os conteúdos do funcionamento da língua, isto é, sempre que há estudo de texto aproveita-se falar deste bloco. Importa dizer que constitui o objeto de estudo apenas a parte de textos.

Tabela n.º 02 – Classificação dos textos segundo os manuais do I Ciclo.

Denominação de textos		
7. ^a classe	8. ^a classe	9. ^a classe
Texto narrativo	Texto narrativo	Texto narrativo
Texto descritivo	O texto descritivo ou descrição	Texto descritivo
Texto poético	Texto poético/Lírico	Texto poético/Lírico
Texto informativo	Texto informativo	Texto informativo
Texto injuntivo/apelativo	Texto injuntivo	Texto explicativo
	Texto explicativo	Texto injuntivo/apelativo
		Texto argumentativo

Fonte: dados da pesquisa.

Com o resultado da tabela n.º 02 se pode inferir que os textos narrativos, descritivos, poéticos, informativos e injuntivos são estudados nas três classes. Na 8.^a classe aparece um novo texto (o explicativo) que também é estudado na 9.^a classe. Nesta

última classe, acrescenta-se o texto argumentativo. A seguir faz-se uma comparação tendo como exemplos os textos narrativos e poéticos.

Indo ao âmago do estudo, Mesquita e Pedro (2014) destacam o seguinte na 7.^a classe: O texto narrativo inclui os contos tradicionais, lendas, excertos narrativos, excertos descritivos e outros contos. As autoras conceituam o texto narrativo como uma história na qual há acontecimentos que envolvem personagens. Referem também que para além das personagens, estes textos são compostos por espaço, tempo, o enredo (sequência dos acontecimentos). E quanto à sua estrutura contém: introdução, desenvolvimento e desfecho. Apresentando como tipos de narrativas: fantástica, dramática e humorística.

- ✓ narrativa fantástica – onde os acontecimentos são fantasias criadas pela imaginação do autor.
- ✓ narrativa dramática – que cria episódios emocionantes.
- ✓ narrativa humorística – onde os acontecimentos são alegres e causam riso. MESQUITA & PEDRO, 2014, p. 14)

No caso do texto poético, Mesquita e Pedro (2014) conceituam-no da seguinte forma: “O texto poético apresenta-se geralmente em verso. Este tipo de texto manifesta a sensibilidade de quem escreve e de quem lê poesia. É uma revelação do mundo interior, dos sentimentos, das emoções, dos pensamentos, dos anseios” (p. 78). E os textos desta natureza têm como principais elementos da sua estrutura externa: o verso (brancos e soltos), a estrofe (dísticos, tercetos, quadras, quintilhas, sextilhas, sétimas, oitavas, nonas, décimas etc.), a rima (emparelhadas, cruzadas, interpoladas e encadeadas) e o ritmo. Para as autoras, o texto poético distingue-se dos demais textos por causa das seguintes características:

- ✓ utiliza geralmente o discurso da 1.^a pessoa;
- ✓ serve-se fundamentalmente do tempo presente do verbo;
- ✓ os temas dominantes são: as emoções e os sentimentos do eu;
- ✓ é geralmente repetitivo e estático;
- ✓ utiliza a pluralidade de sentido (a polissemia). (MESQUITA & PEDRO, 2014, p. 78)

Nesta classe, por exemplo, as autoras não apresentam classificações de tipo e de gênero de textos, havendo uma divergência entre elas e Coutinho e Jorge (2019) que colocam a poética na categoria de gênero. Entretanto, esta discussão não esgota nas classificações, pois, tal como se refere acima, é um assunto polêmico.

Esta questão pode ver-se particularmente bem ilustrada na atividade literária: épocas houve em que foi regra a reprodução fidelíssima do

género de texto (alguns sonetos de Camões são reproduções muito próximas de sonetos de Petrarca e Os Lusíadas existem na lógica clássica de imitação do género – o que em nada desmerece do génio poético do autor, como é evidente); hoje em dia, numa tendência inaugurada com o Romantismo, a imprevisibilidade relativamente ao género é particularmente apreciada e valorizada em termos literários. (COUTINHO & JORGE, 2019, p. 8)

Não há definição de subcategorias de textos poéticos, mas avaliando o conteúdo se pode ver que são recorrentes: os poemas livres (por exemplo, o excerto *Formas de Poesia* de autor Agostinho Neto) e os sonetos (por exemplo, o excerto *A Agricultura* de autor Manuel Rui). Há uma semelhança de abordagem deste assunto na 7.^a e 8.^a classes, quer em termos de textos, quer em termos de conceitualização. Por isso é que se aproveita a ocasião para se falar de um dado importante encontrado no manual da 9.^a classe.

Nesta última classe, vê-se que o romance que faz parte da classificação de Coutinho e Jorge (2019), como género foi incluído como subcategoria do texto narrativo. O que mostra uma clara mistura de categorias. Considera-se importante fazer-se uma atualização de conceitos nos manuais do I Ciclo. No manual de LP da 9.^a classe, quando falam de tipologias do texto narrativo, Mesquita e Pedro (2014) destacam o seguinte:

Geralmente escritos em prosa, os textos do **modo** narrativo podem apresentar um carácter literário, correspondendo, sobretudo, ao conto, à novela e ao **romance**. Os textos narrativos não literários compreendem uma maior variedade de **tipologias textuais**, como a fábula, o conto tradicional e a lenda (p. 12)

Para além da integração do romance como um tipo de texto narrativo e não como um género, é necessário destacar também que o uso da expressão *tipologias textuais* não apresenta a semântica que caracterizasse os *tipos de textos* tal como se tem vindo a discutir, isto é, como categorizam os renomados linguistas, mas sim remete à visão de subcategorias do texto narrativo. O emprego do termo *modo* que antecede a palavra *narrativo* torna os conteúdos mais ambíguos, pois não se consegue precisar de forma clara se referem aos tipos ou aos géneros de textos.

7. Discussão de dados

As principais categorias de análise foram os tipos de textos da atual literatura (narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal) e os géneros de textos (resumo, sumário, síntese, recensão, dissertação, bibliografia, *curriculum vitae*, carta formal, contrato, declaração, regulamento, requerimento, relatório e acta). Os manuais de

LP do I Ciclos referem-se apenas aos textos narrativos, descritivos, poéticos, injuntivos e informativos sem distinção de tipos e nem de géneros de textos.

Na 7.ª classe aparece o termo sequências pese embora o assunto não ser aprofundado. Entretanto, a classificação de tipos e géneros de textos, tal como apresentados nos referenciais teóricos consultados, não é destacada em nenhuma parte dos manuais (8.ª e 9.ª classes). O conteúdo do livro descreve como tipos de narrativas: fantástica, dramática e humorística. A partir da natureza do conteúdo das três classes (7.ª, 8.ª e 9.ª) observa-se que os géneros de textos, às vezes, são utilizados no lugar de tipos e às vezes os tipos no lugar de géneros, o que remete à necessidade de atualização de conteúdos de modos a que venham a se adequar às novas tendências linguísticas de classificação.

Tabela n.º 03 – Tipos e géneros de textos segundo os autores e os manuais.

Categorização de textos		
9.ª classe	Tipo de textos segundo Costa (2010), Coutinho e Jorge (2019)	Géneros de textos segundo Adam (2008), Costa (2010), Coutinho e Jorge (2019)
Texto narrativo	Narrativo	Géneros publicitários, entrevista, romance, crónica, carta, requerimento, dissertações, resumo, sumário, síntese, recensão, bibliografia, <i>curriculum vitae</i> , carta formal, contracto, declaração, regulamento, requerimento, relatório e acta. Outros resultantes de novas tecnologias: mensagem no <i>e-mail</i> , no <i>watsApp</i> , no <i>facebook</i> , no <i>twitter</i> , no <i>Instagram</i> etc.
Texto descritivo	Nescritivo	
Texto poético/Lírico	Poético	
Texto informativo	Dialogal	
Texto explicativo	Explicativo	
Texto injuntivo/apelativo	Instrucional	
Texto argumentativo	Argumentativo	

Fonte: dados da pesquisa.

Já foi dito acima que os tipos de textos apresentam características estruturais fixas, portanto, não se modificam, por exemplo, a narrativa, a descrição, a poética seguem o mesmo plano desde a antiguidade. Por sua vez, os géneros dependentes do contexto evolutivo das estruturas sociais e culturais, eles se transformam, modificam-se, desaparecem e dão lugar a novos com o passar de tempo, por exemplo, o surgimento de uso de mensagens no *e-mail*, no *whatsApp*, no *facebook* é um assunto recente.

Conclusão

Recorda-se que o presente estudo tem como propósito caracterizar os tipos e géneros de textos apresentados nos manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes em comparação com as tendências linguísticas atuais. Para o efeito, foram analisados os conteúdos dos manuais de LP do I Ciclo para perceber se seguem a dinâmica à luz das atuais tendências dos linguistas sobre a classificação dos tipos e géneros de textos ou se continuam na taxonomia tradicional.

Considera-se que o objetivo foi alcançado, o que permitiu constatar que a estruturação dos conteúdos, sobretudo na parte de textos, a falta de caracterização e distinção clara dos tipos e géneros de textos faz com que se aproxima à divisão tradicionalista.

Enquanto os linguistas fazem a categorização da seguinte forma: os tipos de textos da atual literatura (narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal) e os géneros de textos (resumo, sumário, síntese, recensão, dissertação, bibliografia, *curriculum vitae*, carta formal, contrato, declaração, regulamento, requerimento, relatório e acta). Por sua vez, os manuais de LP do I Ciclo referem-se apenas aos textos narrativos, descritivos, poéticos, injuntivos e informativos sem referência aos tipos e nem aos géneros de textos de forma clara.

Para além da integração do romance como um tipo de texto narrativo e não como género, observa-se também que o uso da expressão *tipologias textuais* não apresenta a semântica que caracterizasse os *tipos de textos* tal como se tem vindo a discutir, mas sim remete à visão de subcategorias do texto narrativo. Os géneros de textos, às vezes, são utilizados no lugar de tipos e às vezes os tipos no lugar de géneros, o que remete à necessidade de atualização de conteúdos de modos a que venham a se adequar às novas tendências linguísticas de classificação.

Para reduzir as imprecisões na abordagem dos tipos e géneros de textos em contexto escolar, considera-se ser importante a apresentação de uma unidade introdutória em todos os manuais de LP do I Ciclo para facilitar o trabalho de professores. Porque da forma como o assunto passa despercebido e em outros casos confundido, um professor menos atento ou que não se encontra atualizado pode correr riscos de deslize na planificação e docência.

Referências

- Adam, J. M. (2008). **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos/ Jean-Michel Adam; revisão técnica Luis Passegi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez.
- Camps, A. (2005). Pontos de vistas sobre o ensino-aprendizagem da expressão escrita. In J. A. B. Carvalho; L. F. da Silva; A. C. da Silva e J. Pimenta (Org.), **A escrita escola**, hoje: problemas e desafios (pp. 11-12). Braga: Actas.
- Celvo, A. L., Bervian, P. A., & Silva da, R. (2007). **Metodologia Científica** (6.ª ed.). São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Costa, J. (coord.) (2010). **Gramática Moderna da Língua Portuguesa**. Forte da Casa: Escolar Editora.
- Coutinho, A. e Jorge, N. (Coord.) (2019). **Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais**. Lisboa: Porto Editora.
- https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/16212350/Ensinar_Generos_texto_2019.pdf.
- Ducrot, O. e Todorov, T. (2007). **Dicionário das ciências da linguagem** (8.ª ed.). Lisboa: Editora Dom Quixote.
- Gonçalves, S. P.; Gonçalves, J. P. e Marques, C. G. (2021). **Manual de Investigação qualitativa**: concepção, análise e aplicação. Lisboa: Editora Pactor.
- Magda Soares (2003). **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Revista Brasileira de Educação. Poços de Caldas.
- <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf>.
- Mesquita, H. e Pedro, G. (2014). **Manual do Aluno – Língua Portuguesa 7ª Classe**. Luanda: Editora da Letras.
- Mesquita, H. e Pedro, G. (2014). **Manual do aluno – Língua Portuguesa 9ª Classe**. Luanda: Editora da Letras.
- Mesquita, H.; Pedro, G. (2014). **Manual do aluno – Língua Portuguesa 8ª Classe**. Luanda: Editora da Letras.
- Miguel, M. H. e Alves, M. A. (2011). **Convergências**: manual universitário de português (3.ª ed.). Angola: impressão Jorge Fernandes.
- Pepetela (1989). LUEJI - **O nascimento de um império**. Alfragide: Editora Dom Quixote.
- Pimenta, J. M. R. (2005). **O processo de compreensão leitora**: o desenvolvimento de capacidade de leitura na narrativa, em alunos do 8º ano de escolaridade. Braga: Universidade do Minho.

Recebido em: 21/04/2025

Aceito em: 23/06/2025

Para citar este texto (ABNT): BAVECA, Martins Nvuenda; MORGADO, Amado Martínez. Tipos e gêneros de textos: (re) lendo os manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 1, p.274-293, jan./ jun.2025.

Para citar este texto (APA): Baveca, Martins Nvuenda; Morgado, Amado Martínez. (jan./ jun. 2025.). Tipos e gêneros de textos: (re) lendo os manuais de LP da 7.^a, 8.^a e 9.^a classes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (1): 274-293.



Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>